ANO 13.º — Sabado, 3 de Abril de 1920 — Numero 617

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Minerva Central*, R. Tenente Rezende —AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Films...

Pedindo socorro

Diz *a Montanha*, do Porto, que Vitorino Guimarães e Barbosa de Magalhães, vieram a correr de Pariz para tomar o leme de certa embarcação que mete agua por todos os lados.

Maus timoneiros são estes—acrescenta—muito maus até.

Conhece os, colega?

Nós só o segundo e é quanto basta...

Novidade

A *Democracia*, de Fafe, noticiando o aparecimento de mais um jornal na vila, informa que ele *será o orgão de certos meninos pertencentes a uma confraria de individuos, conhecidos por um nome muito empregado nas olarias.* E arremata: *Pois vamos lá a vêr isso, mas—o que é da nossa vista ou o corpo deles está a pedir Batista!*

Diabos nos levem se algum dia tinhamos ouvido chamar-lhe assim...

A morte...

Recortâmos do *Portugal*:

O Partido Democratico está a morrer. E o paiz que assiste, ha uns poucos de anos, á decomposição do organismo partidario que mais males lhe tem causado, aguarda, impaciente, essa hora de libertação para soltar o mais consolador suspiro de alivio—para bem seu e do proprio regimen que o antecessor desse Partido ajudou a implantar.

Sim. O paiz vai ficar aliviado. Mas, de todo, pômos lhe as nossas duvidas, tão grande é o numero de bandalhos que aderiram á Republica e á custa dela vivem.

Bradar no deserto

Hoje, como ontem, novamente nos dirigimos aos politicos da nossa terra—escreve *A Vitoria*, diario vespertino de Lisboa—*Unam-se! Entendam-se! Apaguem divergencias! Esqueçam rivalidades! Sacrifiquem-se pela Patria! Trabalhem pela Republica!*

Hãode vêr se pódem...

Se fôsse cá...

A proposito do 73.º aniversario de Edison, sabe-se que o grande sabio consagra ao trabalho 16 horas por dia. Para ele não ha dias de festa nem de solenidade nacional que lhe imponham o repouso de algumas horas seguidas. As quatro horas, o muito, que dispensa ao sono, bastam, na sua opinião, para manter o feliz estado de saúde que ainda hoje disfruta.

Ha pessoas que já nascem com sorte. Imagine-se que Edison era de Portugal e aqui vivia. Qual seria hoje a sua situação? Ateimando em trabalhar 16 horas por dia —a nós não nos oferece duvidas—pelo menos tinha de ir para a cadeia!

Um caso

A policia de Lisboa teve ha dias sob custodia dois jornalistas catolicos, apostolicos, romanos acusados dum crime de tamanha gravidade que até o snr. ministro da Justiça supunha ter salvo a Patria... no dia da sua prisão.

Averiguadas, porêm, as coisas, bréve se veio a saber que nem era nada do que a policia julgava e muito menos o que o ministro presumira.

Pelo que, de entrada, não se podia exigir ao governo maior fiasco.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Vamos a isso

O pessoal dos escritórios do Banco Nacional Ultramarino tómou a iniciativa de pôr em pratica a modestia do vestuario como meio de atenuar o custo da vida e nesse sentido tem iniciados os seus trabalhos, que começaram pela publicação duma circular, da qual extratâmos os seguintes periodos:

Gasta-se muito com o superfluo. O nosso vestuario custa hoje carissimo e o dispendio que fazemos com um fato poderia, na verdade, ser muito reduzido, sem que a utilidade do mesmo diminuisse por isso. Passemos a usar um trajo mais simples, mais economico, menos luxuoso e, sobretudo, que represente menos horas de trabalho, menos ocupação de braços que poderão ser utilisados de outro modo, com mais proveito para a coletividade.

Deixemos aos *snobs* o luxo de exibirem trajos de 150 e 200 escudos. Lembremo-nos do portuguesissimo proverbio que manda apreciar as pessoas mais pelas suas qualidades moraes do que pelo modo como vestem.

Todos nós os que trabalhamos passemos a usar o vestuario de trabalho, e não nos importemos que esse vestuario não tenha o talhe nem seja feito do mesmo tecido daquele que envergam os que passam o tempo na Rua do Ouro e no Chiado.

Recorrâmos, pois, ao vestuario de ganga, cotim, ou outro tecido barato, de modelo simples; ás alpercatas, sandalias ou outro calçado de facil fabrico.

E, procedendo assim, fazendo guerra ao luxo, dignificar-nos emos, provando nós todos, que trabalhamos, que não estamos dispostos a contribuir com o nosso esforço para a produção do que é superfluo e inutil.

A ideia é das que melhor se coadunam com o nosso modo de vêr e de sentir e por isso lhe dâmos todo o apoio de que carece. Pelo exemplo, já de ha muito que cá na casa se adopta o sistema de não ir além do indispensavel.

Do vestuario passâmos a aproveitar até algum que já estava posto de parte e umas sandalias esperam ali, a um canto do quarto, que o tempo se proporcione a serem utilisadas. Vem aí o verão, as meias estão caras e portanto essas mesmo nos propômos dispensar durante o estio. Nunca fômos de luxos; nunca vaidosas preocupações de exibicionismo concorreram de algurna sorte para aparentarmos o que não sômos. Por isso o pensamento que, embora tarde, se pretende realisar em proveito de todos, encontra em nós o mais franco e decidido aplauso.

Vamos a isso. Que nem por ser tarde os resultados deixarão de se tornar proficuos, como é mister que aconteça.

A debandada

Foram dirigidas ultimamente ao Directorio do Partido Democratico mais as seguintes cartas:

Ex.mos Srs.:

Os recentes acontecimentos politicos levaram-me ao doloroso convencimento de que dentro do Partido Republicano Português, em que tenho militado, não existe já a unidade indispensavel á sua acção, porquanto se sobrepõem quasi sempre vaidades e ambições de ordem pessoal aos interesses dessa organisação, que deveriam ser a justa correspondencia dos interesses superiores do Paiz.

E possuido desta convicção, eu ficaria de mal comigo proprio se não cumprisse o patriotico dever de desligar-me do partido a que durante anos tive a honra de pertencer, para poder retomar a minha liberdade de acção, e empregá-la como eu entenda melhor para o Paiz e para as suas instituições republicanas.

Saude e Fraternidade.

(a) **José Maria Alvarez.**

Ex.mos Srs.:

Fui um dos fundadores do Partido Republicano Português e sempre me orgulharei de ter contribuido para a criação de uma força politica que tão assinalados serviços prestou ao Paiz e á Republica.

Quizera bem não sofrer a decepção de vêr um dia esse partido perder as condições necessarias para continuar desempenhando o mesmo papel util. Não o entenderam assim os fados politicos.

Uma das aspirações do Dezembrismo foi a dissolução dos partidos. A sua grande, a sua unica aspiração póde dizer-se mesmo que foi a dissolução de tudo—a dissolução da propria nacionalidade. Felizmente não lhe deram tempo a que realizasse por inteiro o seu programa.

Na guerra aos partidos empregou o seu processo predilecto: o terrorismo. Perseguiu, prendeu, assassinou. O resultado, quanto ao P. R. P., foi aumentar lhe a coesão.

Quando, porêm, o Dezembrismo recebeu dos monarquicos, em Monsanto, o golpe de misericordia e o terrorismo passou—a ideia da dissolução foi conquistando adeptos nas nossas fileiras. Eu pertenço ao numero dos que a combateram. O P. R. P. era a mais forte e vasta organização da Republica. Parecia-me só haver vantagem em a conservar. Deviamos apenas remodelá-lo.

O facto, entretanto, é que a dissolução se foi operando, mercê do afastamento do dr. Afonso Costa e de haver quem, pelo consenso unanime partido, o ficasse substituindo como principal orientador.

Formaram-se correntes, contra-correntes, grupos, grupelhos, que lhe destruiram a unidade e portanto a possibilidade de vida.

Todos prégavam que o partido não devia ter chefe, que não precisava de chefe, mas quasi todos tinham o seu eleito de quem só recebiam o santo e a senha.

O Directorio passou a ser uma *entente* decorativa. Do partido ficou apenas um nome.

Guardarei esse nome gravado no coração. Afasto-me, no entanto, do campo politico onde não vejo reunida, sob um unico estandarte, a antiga legião democratica, disciplinada e unida, mas um amontoado de facções antagónicas que se degladiam.

Aos meus correligionarios de tantos anos com quem deixo de ter a antiga solidariedade politica, envio os protestos de uma estima que nada alterará.

Saude e Fraternidade.

(a) **Artur Rodrigues Cohen**

E continua, como os folhetins.

O NOSSO ANIVERSARIO

Tiveram ainda a gentilêsa de registarem em termos penhorantes o aniversario deste jornal, os seguintes colegas:

Gazeta de Arouca, hebdomadario republicano democratico:

"O Democrata,,

Entrou ultimamente em novo ano de existencia este nosso brilhante confrade da capital do distrito, de que é director o velho e intemerato republicano sr. Arnal do Ribeiro.

Ao ilustre colega, a quem a Republica deve larga folha de serviços, enderêçâmos, por tal motivo, as nossas cordiais felicitações.

O Desforço, de Fafe:

12 anos

Completou-os o denodado campeão da Republica *O Democrata*, que o nosso ilustre camarada snr. Arnaldo Ribeiro profissiente e distintamente dirige.

São 12 anos de luta intransigente, destemida, de pugna pelos sãos principios republicanos, que passam; são 12 anos de canceiras, de sacrificios, que se anotam; são 12 anos de vida honrada que se registam.

E nós registâmos estes 12 anos com intensa satisfação, porque ainda é um velho camarada que está ao nosso lado a encorajar-nos na luta contra aqueles que vieram para a Republica cacicar, servindo-se dos mesmos processos indignos, das mesmas manhas que usavam na monarquia, o que é contra o nosso programa.

Temos no *Democrata* um amigo; por isso, na entrada do seu 13.º ano o abraçâmos muito cordealmente na pessoa de Arnaldo Ribeiro, republicano cheio de fé e sinceridade.

Mais festas?

Pergunta-nos *um velho republicano*, em postal que nos dirige, o que sabemos a proposito de uma falada e nova resolução dos modernos patriotas, tendente a comemorar outro aniversario revolucionario ou data que dê margem a festa com o caracter grandioso e verdadeiramente nacional daquele que caracterisou as gloriosas e imorredoiras, realisadas em 25 de janeiro findo.

Não podemos responder como deseja o nosso amigo. Todavia, segue a lista dos movimentos revolucionarios e por ela talvez se possam colher quaesquer elementos que nos levem, se não a um resultado seguro, pelo menos a uma aproximação muito animadora.

Ora temos em primeiro logar o 31 de janeiro, depois o 5 de outubro, o 27 de abril, o 14 de maio, o 27 de julho de 1911, o 21 de outubro de 1913, o 20 de outubro de 1914, o 20 de janeiro de 1915, o 5 de dezembro de 1916, o 8 de janeiro de 1917, o 12 de outubro de 1918, o 11 e 29 de janeiro e o 13 de fevereiro de 1919.

Ha, portanto, muito por onde escolher. Tenha o *velho republicano* o trabalho correspondente ao estudo preciso e veja... se atina com a incognita.

O que, porêm, alguem auto sado nos informou, é que já se estão realisando alguns trabalhos e estudos para na proxima data tornar a tornar-se a festejar o aniversario do primeiro aniversario dos inegualaveis festejos de 25 de janeiro.

Mas por mais que façam, nunca mais se realisa festa como essa, com o brilho e entusiasmo havidos naquele dia!

Nunca mais, nunca mais!

TREPANDO

O sr. dr. Adolfo Coutinho, que já desempenhou as funções de juiz de investigação criminal em Lisboa, foi agora nomeado governador civil daquele distrito, devendo por esse facto tambem estar á bica para ministro na primeira oportunidade.

Se pertence ao numero das grandes e imprescindiveis capacidades da Republica, aliás encubadas até 5 de Outubro!...

Desastre e morte

Na madrugada de 27 do mez findo, faleceu no hospital desta cidade, Maria Nazaré, de 20 anos, solteira, filha de João Martins e Rosa da Cruz, natural de Bustos, concelho de Oliveira do Bairro, que foi colhida na estação desta vila por o comboio mixto, vindo de Lisboa, ficando com as duas pernas esmagadas e o braço esquerdo decepado.

A infeliz faleceu pouco depois de dar entrada naquela casa de beneficencia.

Importantissimo

Do *Amigo do Povo*, cuja purêsa de intenções e verdade da sua doutrina estão na razão directa dos seus sentimentos religiosos, reproduzimos o seguinte, já porque em si é um ponto importante para a vida, já mesmo porque é a unica cousa, nos tempos que correm, que podemos apontar como bom e barato:

INDULTOS

As graças e privilegios dos **Indultos** duram **desde o primeiro de janeiro até ao ultimo de dezembro de cada ano**, e ainda mais um mez completo, para que os fieis durante este tempo possam adquirir os *novos sumarios*, sem deixarem de disfrutar as graças.

Portanto, deve acabar-se com o costume que algumas pessoas teem de só tomar os Indultos na ocasião em que se confessam por desobriga.

E' uma extraordinaria vantagem, esta, de comprar os indultos até ao fim do ano ou ainda no primeiro mez do ano seguinte. Alêm disso ha ainda a economia com que qualquer se habilita á sorte grande, que no caso presente equivale ás venturas do Paraiso.

Ora leiam com muita atenção:

Ha Indultos de 40 reis, de 80 reis, de 200 reis e de 300 reis.

Devem tomar o Indulto ou Bula de 40 reis as pessoas que pela sua pobrêsa se sustentam apenas do seu trabalho; devem tomar o Indulto de 80 reis as pessoas que tiverem rendimento anual inferior a 200$000 reis; devem tomar o Indulto de 200 reis as pessoas que tiverem rendimento anual de 200$000 a 400$000 reis; devem tomar o Indulto de 300 reis as pessoas que tiverem rendimento anual superior a 400$000 reis.

A mulher casada deve tomar um Indulto igual ao do marido, quando participe dos mesmos bens.

A pessoa que tomar um Indulto ou Bula de taxa inferior á que requerem os seus rendimentos, nada lucra.

Mas se forem para lá com trujices, é tempo perdido... E' como o numero de pessoas indicadas nas senhas para o açucar: se mencionarmos mais do que as que temos, pronto, nem uma pitada se recebe. Como se vê, ha indultos para todos os preços e paladares, conforme indica o evangelico jornalsinho—*orgão da liga da boa imprensa* na diocese de Coimbra.

Ha tambem outra classe de *indultos* para quem quizer febra a sós ou febra e peixe.

Assim:

Além do Indulto que fica substituindo a antiga Bula da Santa Cruzada, ha o **Indulto de abstinencia e jejum**, que diz respeito ao jejum, á abstinencia de carnes em certos dias, e á mistura de carne e peixe na mesma refeição.

Este Indulto é de tres taxas: de 50 reis para as pessoas que tiverem rendimento inferior a 200$000 reis; de 100 reis para as pessoas que tiverem rendimento de 200$000 a 400$000 reis; de 200 reis para as pessoas que tiverem rendimento superior a 400$000 reis.

Este Indulto serve para toda a familia, de modo que basta ser tomado só pelo chefe. Se este o não tomar, póde toma-lo a mãe de familia.

Tudo previsto e remediado.

Nesta conformidade fazemos nossas as palavras do evangelico campeão—sem piada—com as quais termina o seu judicioso e sensato artigo:

Recomendâmos a todos os nossos leitores que tomem os Indultos para não ficarem privados das graças extraordinarias que eles concedem.

Pois porque não? Um ovo por um real: entrada no Paraiso, barriguinha cheia, prato com umas febrinhas de mistura com umas barbatanasinha de peixão á mesma paparoca, tudo isto por um pataco, é dado!

Por isso a nossa já cá canta...

NO ALTO MAR

—(*)—

Uma descrição seguida de considerações julgadas oportunas

Saiu, ha mezes, a barra, o maior navio que os nossos estaleiros tem construido, pertencente á prospera *Companhia Aveirense de Navegação e Pesca.* Chama-se *Aveiro* e depois de ter tocado no Porto, fez o percurso para Nova Orleans em tão pouco tempo que, póde-se dizer, bateu o *record* da velocidade, deixando a perder de vista as embarcações suas congéneres.

Antes, porêm, de entrar no porto do destino, caíu ao mar um rapaz, creança ainda, e nosso patricio. A tripulação ao vêr o companheiro debater-se com as ondas, não se fez esperar: rapidamente lança uma baleeira e corre, desesperada, a salva-lo. Mas, infeliz acaso! Quando a baleeira se aproximava e estava prestes a recolher o desventurado naufrago, forma se um nevoeiro serrado e tudo nele fica envolvido sem ser possivel voltar a vêr o pobre rapaz.

A pena que se apoderou dos marinheiros não se descreve. Só a sabe sentir quem não é indiferente, insensivel á dôr humana.

Continuava o nevoeiro e nem navio nem baleeira se avistavam, pelo que a ansiedade era cada vez maior e mais profunda.

Decorrem horas. A atmosfera começa de limpar-se e de novo o horisonte volta a encher-se de luz clara banhado pelas benéficas irradiações do astro rei.

O *Aveiro* descobre, ao longe, a baleeira com os seus tripulantes e um raio, de alegria e esperança houve então supondo-se que o fragil batel trouxesse vivo o moço em perigo. Remava-se com afan para alcançar o navio, mas qual não foi a decepção ao verificar-se de bordo deste que todos os esforços resultaram inuteis para recolher o joven companheiro! Terriveis momentos, horas angustiosas, scenas comoventes se passaram.

No entanto, ninguem havia faltado ao seu dever—era o consolo de todos—por onde se verifica que na rudeza dos homens do mar não faltou coragem, nem principalmente o sentir do coração para arrancar á morte o estimado aveirense.

Estes rasgos de carinho e amor, vão, infelizmente, rareando em certas camadas sociaes e esse sintoma, que é arripiante, terá, sem duvida, consequencias funestissimas debaixo de todos os pontos de vista.

Portugal atravessa principalmente mais uma crise de falta de patriotismo do que todos os mais factores que apresentam como a causa primordial da nossa confusa situação.

Se houvesse abnegação pelo bem da Patria, se houvesse quem se expozesse ao sacrificio para a salvar do perigo que a ameaça, como fizeram os arrojados marinheiros do *Aveiro*, Portugal não estaria a chorar a ingratidão dos seus filhos.

Quando vejo que o funcionalismo português se debate entre uma reclamação importuna e um governo com cousas a resolver de alta transcendencia e tão melindrosas, eu lamento me e entristesse-me que haja quem não queira vêr os resultados funestos que possam advir.

O sr. Antonio Maria Baptista é chamado a tomar conta do poder numa ocasião em que tudo vê diante de si uma ameaça que põe em fóco a nossa independencia. Ao ser empossado diz que tudo era um cáos e sintetisando em tres palavras bem significativas, apela para todos os portuguêses, pedindo-lhes ordem, ordem, ordem! Pede quasi a chorar aos funcionarios publicos que retomem os seus logares, prometendo-lhes que seriam atendidos no que fôsse justo e rasoavel. Qual foi, porêm, a sua resposta e em seguida o seu procedimento? Deixo a resposta á imparcialidade dos que me lêem e por ventura fazem justiça ás minhas intenções. Póde ser que labore num erro, mas, com franqueza, em face das palavras do representante do govêrno e, convencido dos grandes perigos que dardejam sobre o país que póde muito bem morrer ámanhã, eu diria a todos os meus companheiros: Meus caros amigos: a ocasião é de sacrificio e abnegação para todos os portuguêses. Portugal—a nossa terra tão amada—berço dos nossos saudosos paes, está em perigo, atravessa uma crise como jámais sentiu em tempo algum. Precisa do nosso auxilio e do nosso esforço e, querendo ser o que fômos ontem, não lho devemos negar. Retomêmos, pois, os nossos logares, decididos a trabalhar pelo bem da Patria, esperando por melhores dias para sermos atendidos no que fôr justo e rasoavel, de harmonia com as nossas aspirações.

Era este o procedimento que sinceramente devia adotar a numerosa classe do funcionalismo portuguê, embora com algum sacrificio de certos empregados que morrem de fóme, o que não quer dizer que outros vivam á farta. E contra estas desigualdades, tambem eu me revolto. Costuma dizer-se que todos são filhos de Deus... e então haja mais equidade.

Mas ponham-se as gréves de parte. Não é com expedientes tão violentos que se soluciona a carestia da vida. Nem tão pouco com os paliativos dos governos que se resolvem crises como aquela em que se debate o velho Portugal. Haja bom senso, haja juizo que assim o exigem além da honra e do prestigio da Republica, os interesses da nação.

José G. Gamelas

Um caso de demencia

—(*)—

Providencias a quem compete

Não sei que zanga teem comigo a *gripe* e o reumatismo; pois nunca lhes fiz mal, nem perturbei o socêgo; mas o que é certo, o que lhes posso garantir é que ja por duas vezes—duas vezes—notem os poucos leitores que, por acaso tenham tido a evangelica paciencia de nos lêrem, interrompemos os artigos que ha mais de seis mezes aqui vimos publicando por causa daquela ilustre senhora e conspicuo cavalheiro.

A primeira vez foi o reumatismo, hospede diario que anualmente nos obriga a dar um passeio, aliás agradavel, até ás termas fronteiriças da nossa visinha Espanha; agora foi a *gripe*, audaz e impertinente, cuja visita—dizemo-lo com a franquêsa que nos caracterisa—muito bem dispensavamos, nos reteve no leito e nos obrigou á devida convalescença que tão ilustre e nobre personagem (deixem passar o termo) exige dos mais humildes dos seus visitados.

Não perderam com isso, é certo, os nossos amaveis leitores, pois no proprio leito da doença os amigos que nos visitaram e com cuja visita estâmos extremamente penhorados e nunca, se possivel fôsse, desejávamos retribuir, nos forneceram novos elementos e nos trouxeram novos e preciosos materiaes para o edificio que ha mezes vimos construindo. Verão.

Desculpem-nos, pois, os nossos leitores estas faltas involuntarias e que não desejariamos cometer, e permitam-nos que reatemos o fio das ideias que vinhamos desnovelando.

Continuemos, pois:

Nunca a demencia do Faustino foi ocasião de maiores escandalos, galhofas e risadas do que agora.

Os Diogenes teem atraído a atenção e despertado a hilariedade.

Ilhavo em peso ri hoje das diabruras do Faustino e começa a ter dó do pobre louco que se saracoteia por essas ruas fóra no meio da indiferença e do desdem de toda a gente.

Em o nosso ultimo artigo deixámos o pobre Diogenes a perguntar pela lanterna, pela sua querida lanterna que lhe ficára dentro da casa do snr. Marmelinho quando este o estatelou em plena rua.

Refeito do susto e limpo da poeira o Diogenes e enquanto com beneditina paciencia se dirige novamente á porta do snr. Marmelinho para lhe darem a sua lanterna, ouvem-se ainda os comentarios do mulherio que se aglomerava á volta dele.

— Mas porque foi que aquele *alma negra* o estatelou no meio da rua?

— Olhe, minha senhora, responde delicadamente o Diogenes: o snr. Marmelinho tratou me muito bem enquanto supôz que eu lhe ia oferecer algum lucrativo negocio e por isso em vez de me dar explicações sobre o juizo do Faustino, começou-me logo a falar em venda de poldras.

— Para a Gafanha, que vá para a Gafanha.

— Olha o pelintra, ha-de morrer abraçado ao dinheiro.

— E ha-de ser em uma sexta-feira.

— E' por causa disso que ele quer ser presidente.

Enquanto isto se passava, o Diogenes aproximava se da porta, que imediatamente se abriu á sua chegada, aparecendo a criada que, com modos bruscos e pouco delicados, lhe diz:

— Pegue, aí tem—ao mesmo tempo que lhe entregava a lanterna e acto continuo fechava, com estrondo, a porta da rua.

— Espivitada de má sorte—diziam nos comentarios—que grande delambida; já não se lembra de quem é...

— E ele? O espertalhão do Marmelinho?

— Se se lembrasse dos seus, não faria estes disparates.

— Ah, mulher: [illegible] lo é outro Faustino. Enquanto a nossa terra não fôr limpa destes diabos, não tornemos a ter socêgo.

— Ricos destes, tres por nove ruas e ainda são muitos.

No entanto alguem se aproximava do pobre Diogenes e lhe dizia a meia voz:

— Olhe, quem póde com sinceridade ilucida-lo sobre o que deseja, é ali adiante, na rua que volta para a esquerda, o snr. Burgesso. Homem de muita experiencia e de muito saber, conhece as cousas pelo ar. Esse, sim; esse é que sabe o nome aos bois. Mas é muito delicado; quando o cumprimentar não se esqueça de lhe chamar sr. *regente*...

— Regente!?—interroga o Diogenes. De alguma filarmonica?!

— Dizem que sim, que percebe alguma cousa de musica; mas *regente* é porque é homem muito dado a cousas de instrução.

— Muito obrigado—responde o Diogenes.

E enquanto se dirigia para a casa do sr. Burgesso, ia dizendo com os seus botões:

— Muito custa a encontrar o raio do juizo do Faustino.

Y.

Isto escrito, recebemos de Ilhavo o seguinte postal:

Ex.mo Sr. Y.:

Com um ataque de loucura o Faustino matou o porco á facada. Cravou-lhe uma navalha no peito, cortando-lhe a arteria haorta, a tres centimetros do coração. Teve morte quasi estantanea.

De V. etc.

Pela copia,

Y.

Ministro do Trabalho

De passagem, encontra-se nesta cidade, o sr. Bartolomeu Severino, ministro do Trabalho.

Segue pela linha do Vale do Vouga para Vizeu.

NECROLOGIA

Vitimado por uma congestão cerebral, faleceu em Esgueira, de onde era natural, o snr. Antonio Simões da Cunha (o *Manhas*), de 73 anos, viuvo, abastado proprietario, deixando testamento com vários e importantes legados.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) . . .	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	15 centavos
Comunicados	20 »

Anuncios permanentes, contráto especial.

AMENDOAS... BENTAS

—(*)—

Quando descia para o seu quarto, á noite, o padre Amaro ia sempre exaltado. Punha-se então a lêr os *Canticos a Jesus*, tradução do francez, publicada pela sociedade das *Escravas de Jesus.*

E' uma obrasinha beata, escrita com um lirismo equivoco, quasi torpe, que dá á oração a linguagem da luxuria: Jesus é invocado, reclamado com as sofreguidões balbuciantes duma concupiscencia alucinada: *Oh! vem, amado do meu coração, corpo adoravel, minha alma impaciente quer-te! Amo te com paixão e desespero! Abraza-me! Queima-me! Vem! Esmaga me!*

E um amor divino, ora grotesco pela intenção, ora obsceno pela materialidade, geme, ruge, declama assim em cem paginas inflamadas, onde as palavras *gozo, delirio, delicia, extasi,* voltam a cada momento, com uma persistencia histerica. E depois monologos frenéticos de onde se exala um bafo de cio mistico, vem então imbecilidades de sacristia, notasinhas beatas resolvendo casos dificeis de jejuns e orações para as dôres de parto!

Um bispo aprovou aquele livrinho bem impresso; as educandas lêem-no no convento. E' beato e excitante; tem as eloquencias do erotismo, todas as preguices da devoção; encaderna-se em marroquim e dá se ás confessadas: é a cantarida canonica!

. . . .

Começára então, o padre Amaro, a recomendar á Amelia, a leitura dos *Canticos a Jesus.*

— Verá, é muito bonito, de muita devoção!—disse o padre, deixando-lhe o livrinho, uma noite no cesto da costura.

No outro dia, ao almoço, Amelia estava palida, com as olheiras até ao meio da face. Queixou-se de insomnia, de palpitações.

— E então, gostou dos *Canticos*?

— Muito. Orações lindas — respondeu.

Durante todo esse dia não ergueu os olhos para o padre Amaro. Parecia triste, e sem razão, ás vezes, o rosto abrasava-se-lhe de sangue.

Eça de Queiroz

(Do livro—*O crime do padre Amaro*).

Companheiros

—(*)—

Mayer Garção, descreteando sobre a transformação por que está passando o partido democratico, num dos numeros de *A Manhã*, que acabâmos de receber, atrazadissimos, escreve:

. . . .

Eu sou dos que durante muito tempo secundaram entusiasticamente a acção republicana do sr. Afonso Costa, até que um dia o vi, com tristeza, adaptar-se a uma oligarquia que o levou a distanciar-se do povo, a comprometer o seu nome, a perturbar o seu partido, dando em resultado a sua queda, entre convulsões em que espadanou o sangue português e se originou uma aventura politica que rapidamente vimos despojar-se das suas primitivas aparencias genuinamente republicanas. Apoei-o quando a minha consciencia republicana mo indicou; deixei de o apoiar, quando essa mesma consciencia mo indicou tambem. Sou um cidadão. Nunca pertenci nem pertencerei senão á Republica. Mas não nego nem nunca neguei a inteligencia do snr. Afonso Costa, e essa inteligencia não podia apontar-lhe outro caminho senão aquele que tomou.

Companheiros destes não são aos montes, mas ainda aparecem a dizer desassombradamente o que pensam, como acontece com o scintilante jornalista acima mencionado.

Os democraticos cá do *mexilhão* hãode concordar que a razão anda sempre ao lado da verdade e portanto só quem se desvia dela está sugeito a ir ao fundo, por mais boias de salvação que lhe lancem.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Osorio.*

Notas mundanas

Fez ante-ontem anos, o distinto clinico dr. Abilio Marques, nosso velho e presado amigo, a quem felicitâmos.

=== *Esteve em Aveiro, dando-nos o prazer da sua visita, o secretario da administração do concelho de Mira e dignissimo farmaceutico, sr. João Carlos Moreira da Silva.*

=== *Partiu a tentar fortuna nos E. U. do Brazil, o nosso conterraneo Angelo Peixinho, que muito estimaremos vêr feliz no seu regresso á terra natal.*

Despedida

Angelo Peixinho, tendo de retirar para os E. U. do Brazil e não lhe sendo possivel, por falta de tempo, despedir-se de todas as pessoas amigas, fa-lo por este meio oferecendo o seu limitado prestimo na grande Republica.

Aveiro, 29 de Março de 1920.